

Coleção **L&PM** Pocket, vol. 128

Publicado anteriormente em formato 14x21 pela L&PM Editores, na coleção L&PM/História, em junho de 1984.

Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: setembro de 1998

Esta reimpressão: maio de 2007

tradução: Milton Persson

revisão: Delza Menin e Flávio Dotti Cesa

capa: L&PM Editores

BIBLIOTECA CENTRAL

Reg. nº 2009044506

Natal, 06/10/09

Compra R\$8,58

Emp. 907732/08

ISBN 85-254-0938-3

Superv. Com S/A

C718d Colombo, Cristóvão, 1450-1506

Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento / Cristóvão Colombo; tradução de Milton Persson. – Porto Alegre: L&PM, 1998.

200 p.; il.; 18cm. – (Col. L&PM Pocket)

I. América-História. I. Título. II. Série.

CDD 970

980

CDU 970/980:910.4(091)

910.4(091):970/980

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

As gravuras reproduzidas neste livro são de autoria de E. Méaulle e foram publicadas no volume *Cristophe Colomb*, de M. Ricard, Paris, Alfred Mame et Fils, Éditeurs, 1898.

© L&PM Editores, 1998

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores

PORTO ALEGRE: Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - 90220-180

Floresta - RS / Fone: (0xx51) 3225.5777

informações e pedidos: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Impresso no Brasil
Outono-de-2007

UFRN SISTEMA DE BIBLIOTECAS INTEGRADAS



SIGAA

2009044506

Para numerosos viajantes, o cenário americano estava repleto de misteriosas e inegáveis possibilidades. Ali, o milagre parecia novamente incorporado à natureza: uma natureza ainda cheia de graça matinal, em perfeita harmonia e correspondência com o Criador. O próprio Colombo, sem dissuadir-se de que atingira pelo Ocidente as partes do Oriente, julgou-se em outro mundo ao avistar as costas verdejantes da América, onde tudo lhe dizia estar a caminho do verdadeiro Paraíso Terreal.

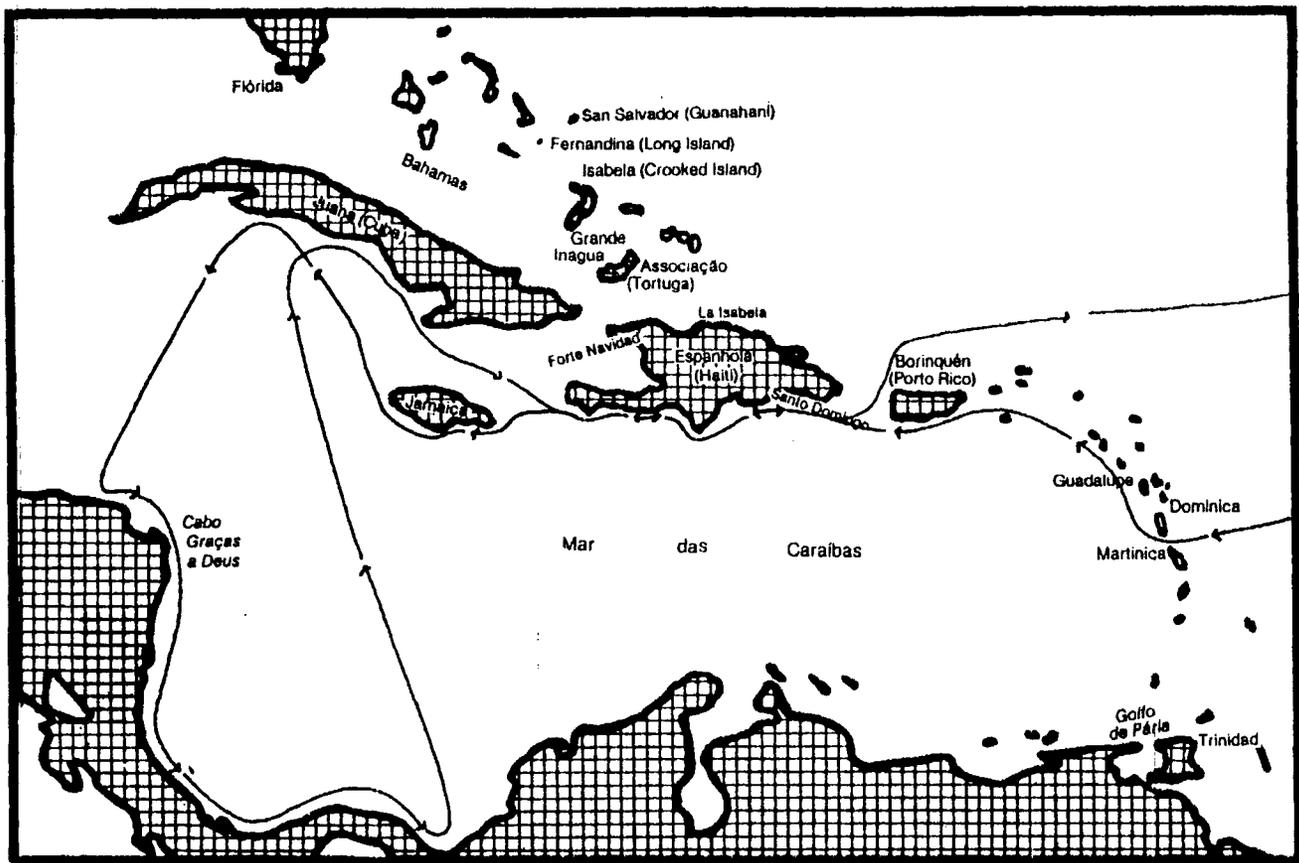
As mesmas imagens bíblicas, reafirmadas pelos cosmógrafos mais acreditados da época, acharia Colombo em seu desembarque nas Antilhas: terras de fertilidade inaudita, árvores de copas altíssimas, fragrantes e carregadas de frutas, a eterna primavera musicada pela alegria dos cantares de pássaros de mil cores...

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA
em *A Visão do Paraíso*

A Quarta Viagem (1502-04)

A quarta e última viagem de Colombo às Índias teve início em maio de 1502. Com 51 anos, o Almirante era um homem fatigado, obscurecido pela sombra do fracasso. Seu título de Vice-Rei Geral era mera etiqueta. Mesmo assim, conseguiu reunir quatro embarcações, leves e de menor preço, que demonstram a diminuição de seu prestígio e a intenção exploratória da expedição, que Colombo batizou de “Altô Viaje” devido ao sonho de encontrar uma passagem para o Oriente. A miragem persistia...

O Atlântico foi cruzado em 21 dias apenas. Depois de explorar novamente as Antilhas, Colombo atingiu a costa do Panamá sem, é claro, encontrar a passagem para a China. De volta à Espanha, em 1504, não passava de um marinheiro entre outros. Com a morte de sua protetora, a Rainha Isabel, seu prestígio caiu ainda mais. Em breve, o Almirante não mais sonharia.





CARTA DO ALMIRANTE AOS REIS CATÓLICOS

Sereníssimos, mui augustos e poderosos monarcas, Rei e Rainha, nossos Soberanos: De Cádiz fui às Canárias em quatro dias, e dali às Índias em dezesseis, de onde escrevo¹. A minha intenção era apressar a minha viagem enquanto tinha navios², tripulação e provisões em bom estado, e minha rota passava pela ilha de Jamaica; e na Dominica escrevi isso. Até então não me sobrou tempo para nada. Na noite em que ali cheguei caiu grande temporal, que me perseguiu sempre.

Quando aportei na Espanhola mandei o pacote de cartas, pedindo o favor de receber um navio, pois um dos que trouxe estava inutilizável e não agüentava as velas³. As cartas foram enviadas e confio que tenham merecido resposta. Para mim, bastou sair daí para não saber se suportaria a travessia ou chegaria ao destino. A tripulação que me acompanhava perdeu o ânimo, de medo que os levasse longe demais, afirmando que, se corresse algum risco, ali é que não teriam salvação: pelo contrário, contavam como certa alguma gran-

1. Colombo escreveu da Jamaica, um mês após sua chegada. O relato da Quarta Viagem é conhecido como *Lettera Rarissima*. (N. do E.)

2. Eram quatro navios: a caravela *Santa Maria* e as naus *Santiago*, *Gallega* e *Vizcaina*. (N. do E.)

3. Colombo chegou a Santo Domingo em 29 de junho, mas o governador Ovando não o deixou desembarcar, apesar da tormenta que se aproximava. (N. do E.)

de desgraça. Também a quem rogo diz que só o comendador haveria de abastecer todas as terras que eu conquistasse.

A tempestade foi terrível, e naquela noite me despedaçou os navios: cada um chegou ao destino sem esperanças, a não ser a de morrer; e todos tinham certeza de que os demais estavam perdidos. Quem, à exceção de Job, nasceu sem morrer desesperado? como, pela minha salvação e a de meu filho, de meus irmãos e amigos, seria com semelhante tempo defendida a terra e os portos que, pela vontade de Deus, conquistei para a Espanha suando sangue?

E volto aos navios, que a tempestade me arrebatou, e me deixou sozinho. Nosso Senhor os coloca à minha frente quando lhe imploro. O navio *Ressabiado* lançou-se mar aforá, para escapar, até à ilha Galega: perdeu o barco e boa parte dos mantimentos; o que eu navegava, extraordinariamente cheio de carga, Nosso Senhor poupou, pois nem uma palha sofreu dano. No *Ressabiado* ia meu irmão; e ele, depois de Deus, foi a sua salvação. E com esse vendaval, assim às cegas, cheguei à Jamaica; ali, o mar passou de agitado à calma; e uma grande corrente me levou ao Jardim da Rainha sem ver costa alguma. De lá, quando pude, naveguei para terra firme, onde irrompeu o vento e uma terrível corrente contrária; lutei sessenta dias contra ambos e no fim não pude avançar mais de setenta léguas.

Durante esse tempo todo não encontrei guarida, pois não pude nem me deixaram as tormentas do céu, da água, trovões e relâmpagos inacabáveis: mais parecia o fim do mundo⁴. Cheguei ao cabo de “Graças a Deus” e ali Nosso Senhor me concedeu vento e corrente propícios. Isso foi a 12 de setembro. Fazia oitenta e oito dias que essa espantosa tempestade não me dava trégua, a ponto de não ver o sol nem as estrelas pelo mar; os navios já estavam com rombos, as velas rasgadas, as âncoras, enxárcias, cabos, tudo perdido, junto

4. Depois da tempestade de 29 de junho, Colombo se refugiou em Porto Hermoso e chegou à Jamaica em 16 de julho. (N. do E.)

com os barcos e muitas provisões, e a tripulação toda doente e contrita, vários com promessas religiosas e não poucos com outros votos e romarias, até terminar o mau tempo.

Cheguei à terra de Cariay⁵, onde parei para recuperar os navios e as provisões, e dar alento à tripulação, que estava muito doente. Eu que, como disse, por várias vezes me vi às portas da morte, soube ali das minas de ouro da província de Ciamba⁶, que tanto procurava. Dois índios me levaram a Carambaru, onde a população anda nua e usa no pescoço um espelho de ouro; mas não quiseram vender nem fazer permuta. Indicaram vários lugares na costa marítima, onde diziam que havia ouro e minas; o mais próximo era Veragua⁷, que distava cerca de vinte e cinco léguas dali. Parti com a intenção de tentar todos, e, chegando já na metade do caminho, soube que havia minas a dois dias de percurso. Nessa noite o mar e o vento se agitaram de tal forma que foi preciso correr para onde nos levaram; e o chefe dos índios das minas sempre ao meu lado.

Num abrigo descontei dez dias de grande sorte com o mar e com o céu; ali decidi não voltar atrás para procurar as minas e considerei-as já conquistadas. Parti, para prosseguir minha viagem, debaixo de chuva; cheguei ao porto de Provisões, onde entrei e não de bom grado. A tempestade e uma grande corrente me fizeram perder ali quatorze dias; depois fui embora, mas não com bom tempo. Quando já tinha andado certamente quinze léguas, o vento e a corrente me impeliram com fúria para trás. Regressando ao porto de onde havia saído, encontrei no caminho o Retiro, para onde me recolhi com muito risco e aborrecimento, e bem cansado, tanto eu como os navios e a tripulação. Ali mudei de decisão e resolvi voltar às minas e para ter alguma coisa para fazer até que o tempo se mostrasse mais favorável para prosseguir viagem

5. Na atual Costa do Mosquito, no Panamá. (N. do E.)

6. Nome que Marco Polo deu à Conchinchina. (N. do E.)

7. Nome indígena da costa ocidental do atual Panamá. (N. do E.)

por mar. E, percorridas quatro léguas, recomeçou a tempestade e me cansou tanto, que já não atinava com mais nada. Ali senti alívio das dores da doença – mas passei nove dias em desalento, sem esperança de viver; ninguém jamais viu o mar tão agitado, feroz e coberto de espuma. Ali fiquei, naquele mar feito sangue, fervendo que nem chaleira a todo vapor. Nunca se viu céu mais aterrador: um dia, ardeu feito forno até de noite; e assim os raios do sol queimavam como chamas, a ponto de eu olhar para ver se não me havia levado os mastros e as velas. A tripulação estava tão alquebrada que sonhava até com a morte para se livrar de tantos padecimentos.

Quando aprouve a Nosso Senhor, voltei a Porto Gordo, onde me refiz da melhor maneira que pude. Recuei de novo para Verágua, embora a idéia não me seduzisse. Cheguei quase ao ponto em que estive antes, e aí então o vento e a corrente me foram outra vez adversos. E retornei novamente ao porto, pois não me atrevi a esperar a oposição de Saturno com mares tão desvairados em costa bravia. Isso foi no dia de Natal, na hora da missa. Voltei mais uma vez, já exausto, para o lugar de onde tinha saído, e, passado o Ano Novo, tornei a insistir. Aí Nosso Senhor colocou diante de mim um rio com porto seguro. Consegui entrar a duras penas e no dia seguinte foi que me dei conta da sorte que tive: se estivesse do lado de fora, não poderia entrar por causa do banco que havia na foz. Choveu sem parar até o dia 14 de fevereiro, e estando já a salvo a 24 de janeiro, de repente o rio irrompeu muito alto e caudaloso: quebraram-se-me as amarras e remos, e tive que levar os navios. Não resta dúvida que os vi em maior perigo do que nunca. Nosso Senhor, como sempre, nos socorreu. A 6 de fevereiro, chovendo, enviei setenta homens para explorarem a região; e a cinco léguas da costa descobriram várias minas: os índios que os acompanhavam os levaram a um morro muito alto e de lá lhes mostraram até onde se podia ver, dizendo que em toda parte havia ouro e que para o lado do Poente se demorava vinte dias para chegar às minas, e enumeraram as vilas e lugarejos mais pródigos nesse sentido.

Depois fiquei sabendo que o Quibian, que tinha emprestado esses índios, lhes havia ordenado que mostrassem as minas mais distantes e difíceis, e que dentro de sua povoação, um homem, se quisesse, extraía uma infinidade de ouro em poucos dias. Os índios, seus súditos, são testemunhas que levo comigo. Os barcos chegam onde ele tem a povoação. O meu irmão voltou junto com essa gente, todos trazendo o ouro extraído em quatro horas que passaram lá na mina. Fundei uma povoação e dei muitos presentes ao Quibian, que é como chamam o cacique dessa terra. E bem sabia que a concórdia não podia durar: eles são muito simples e nossa gente é importuna; no fim, eu seria preso. Depois que viu tudo pronto e o tráfico tão intenso, resolveu botar fogo e matar todos nós. Mas o tiro lhe saiu pela culatra: quem ficou preso foi ele, com as mulheres e os filhos já grandes; se bem que sua prisão durou pouco. O Quibian fugiu da guarda de um homem honrado, a quem se rendera; e os filhos foram entregues a um piloto de navio, que os prendeu em lugar seguro.

Em janeiro a foz do rio ficou obstruída. Em abril os navios estavam todos corroídos pelas bromas e nem se podia mais mantê-los à superfície da água. A essa altura formou-se um canal no leito do rio, por onde retirei três caravelas vazias com grande dificuldade. Os barcos voltaram lá dentro para buscar sal e água. O mar ficou agitado e feroz e não permitiu que ninguém mais saísse; os índios, inúmeros, juntaram-se e mostraram-se hostis; tiveram que combatê-los e por fim matá-los. Meu irmão e todo o resto da tripulação estavam em um navio que ficou lá dentro: eu, muito só, do lado de fora, numa costa tão bravia, com febre alta e tanto cansaço; a esperança de sobreviver era nula. Exausto, adormeci gemendo. Escutei então uma voz piedosa, dizendo: “Ah, estulto e lerdo em crer e servir a teu Deus, ao Deus de todos! Que foi que Ele fez mais por Moisés ou por Davi, seu súdito? Desde que nasceste, sempre demonstrou por ti muito carinho. Quando te viu em idade de contentá-l’O, fez teu nome ressoar maravilhosamente pela terra toda. As Índias, que constituem partes tão

ricas do mundo, deu para que fossem tuas. Tudo o que Ele promete, cumpre e dá em dobro. Agora mostra o prêmio por esses trabalhos e perigos que passaste servindo a outros”. Eu, assim entorpecido, a tudo escutei; mas não encontrei resposta para palavras tão certas, a não ser chorar pelos meus erros. Acabou Ele, quem quer que fosse, de falar, dizendo: “Não tenhas medo; confia; todas estas atribuições estão escritas em pedra mármore e não sem motivo”.

Levantei-me quando pude; e ao fim de nove dias fez calma. Parti em nome da Santíssima Trindade na noite de Páscoa, com os navios apodrecidos, comidos pela broma, todos cheios de buracos. Em Belém deixei um, com uma porção de coisas. Em Belpuerto fiz o mesmo. Só me restaram dois, no estado dos demais, sem barcos e sem provisões, para ter que passar sete mil milhas de mar e água ou morrer no meio do caminho com filho, irmão e tanta gente.

Cheguei a 13 de maio na província de Mago e de lá parti para a Espanhola. O mar bravio me foi adverso e tive que retroceder, sem velas. Ancorei em uma ilha, onde de saída perdi três âncoras e à meia-noite se romperam as amarras do outro navio, que veio por cima do meu de tal maneira que é de admirar que não tenhamos rachado ao meio: a âncora, do jeito que ficou, foi ela, depois de Nosso Senhor, que me salvou. No fim de seis dias, quando lá fazia bom tempo, voltei para a minha rota. Assim, já tendo perdido por completo os aparelhos e com os navios mais esburacados por vermes do que uma colméia e a tripulação tão atemorizada e perdida, passei um pouco adiante do lugar onde tinha chegado anteriormente. Parei na mesma ilha em porto mais seguro. No fim de oito dias retomei a rota e cheguei à Jamaica em fins de junho. Quem acreditaria no que descrevo aqui? De cem partes acontecidas, afirmo que não contei sequer metade. Os que acompanharam o Almirante são testemunhas.

Quando descobri as Índias, disse que era o maior repositório de riquezas do mundo. Falei de ouro, pérolas, pedras preciosas, especiarias, com os comércios e as feiras, e, como

tudo não apareceu com a rapidez esperada, fui alvo de insultos. Essa lição me ensinou agora a falar só no que ouço dos nativos da terra. Mas uma coisa ousou afirmar, porque há muitos testemunhos, e é que vi nesta terra de Verágua maiores indícios de ouro nos dois primeiros dias do que na Espanhola em quatro anos, e que as terras da região não podem ser mais bonitas nem mais bem lavradas, nem a população mais respeitosa, com bom porto, rio lindo e protegido do mundo. Tudo isso é garantido dos cristãos e certeza de domínio, com grande esperança da honra e engrandecimento da nossa religião. Tão soberanos são Vossas Majestades disso como de Jerez ou Toledo: os navios que forem até lá vão à sua própria casa. Dali extrairão ouro; em outras regiões, para extrair o que há nelas, é melhor levar junto, senão voltarão vazios; e na terra é necessário que confiem sua pessoa a um selvagem. Genoveses, venezianos e toda gente que tenha pérolas, pedras preciosas e outras coisas de valor levam tudo até o fim do mundo para trocá-las, converter em ouro: o ouro é excelso; do ouro se faz tesouro, e com ele, quem o tem, faz tudo o que quer neste mundo, a ponto de levar as almas ao Paraíso. Os caciques daquelas terras da região de Verágua, quando morrem, são enterrados junto com o ouro que têm; pelo menos é o que dizem. Para Salomão, levaram de uma só vez seiscentos e sessenta e seis quintais de ouro, além do que lhe deram os mercadores marinheiros e do que se lhe pagou na Arábia. Desse ouro fez duzentas lanças, trezentos escudos e o tablado onde ficariam guardados, enfeitado ainda com pedras preciosas, várias outras coisas de ouro e uma profusão de vasos, muito grandes e ricos de pedras preciosas. Josefo, em sua crônica das *Antigüidades Judaicas*, descreve tudo isso. No *Paralipomênon* e no *Livro dos Reis* há também referências. Josefo pretende que esse ouro tenha sido extraído na Áurea. Sendo assim, digo que as minas da Áurea são as mesmas e coincidem com estas de Verágua. Salomão teve que comprar tudo aquilo: ouro, pedras e prata; ali, em compensação, se quiserem, podem mandar extrair à vontade. Davi dei-

xou três mil quintais de ouro das Índias de herança para Salomão ajudar a construir o templo e, segundo Josefo, provinham dessas mesmas terras. Jerusalém e o Monte Sion hão de ser reconstruídos por mãos cristãs. Quem há de ser, é Deus, pela boca do profeta no décimo quarto salmo, quem diz. O abade Joaquim achou que teria que sair da Espanha. São Jerônimo ensinou o caminho à santa mulher. O imperador de Catai há tempos pediu aos sábios que lhe ensinem a fé de Cristo. Quem se prontificará a fazer isso? Se Nosso Senhor me reconduzir à Espanha, eu me comprometo a levá-lo, com o nome de Deus sempre em segurança.

Essa gente que veio comigo enfrentou incríveis perigos e trabalhos. E, como são pobres, suplico que Vossas Majestades lhes mandem pagar logo, concedendo mercês a cada um segundo a qualidade da pessoa, pois lhes garanto que, a meu ver, são porta-vozes das melhores notícias que jamais chegaram à Espanha.

Tenho em maior conta essa negociação e essas minas, nesta proporção e domínio, do que tudo o mais que foi feito nas Índias. Não há motivo para que quem se mostrou tão contrário a esta negociação tire dela proveito; muito menos seus filhos. Os que se foram das Índias, fugindo aos trabalhos e falando mal delas e de mim, voltaram com cargos; assim se determinava agora em Verágua: um mau exemplo e sem nenhum proveito para o negócio e a justiça do mundo. Esse temor, junto com muitos outros casos que via com clareza, me fez suplicar a Vossas Majestades, antes que viesse a descobrir estas ilhas e terra firme, que me deixassem governá-las em seu nome real. Peço-lhes: foi por privilégio e capacidade, e com sinete e juramento, que me deram o título de Vice-Rei, Almirante e Governador Geral de tudo, e indicaram o termo a cem léguas das ilhas dos Açores, e aquelas de Cabo Verde pela linha que passa de pólo a pólo; e sobre isso, e tudo o mais que se descobrisse, me deram amplos poderes. A escritura o confirma com maiores pormenores.

O outro assunto, já célebre, está clamando de braços

abertos: fui estrangeiro até hoje. Sete anos estive em sua Corte Real, e a quantos se mencionou esse empreendimento todos foram unânimes em dizer que era embuste. Hoje, até os alfaiates imploram para descobrir. Bom é dar a Deus o que é seu e aceitar o que nos pertence. As terras que aqui obedecem a Vossas Majestades são mais ricas e maiores que todos os outros domínios cristãos. Depois que eu, por vontade divina, as coloquei sob o seu real e augusto poder e em condições de fornecer imensa renda, de repente, enquanto aguardava navios para ir receber sua excelsa aprovação pela vitória e grandes notícias do ouro, muito seguro e contente, me vi preso e lançado, com dois irmãos, ao porão de uma nau, a ferros, com o corpo nu, recebendo maus-tratos, sem o menor julgamento ou sentença de tribunal de justiça. Quem acreditará que um pobre estrangeiro haveria de se sublevar em semelhante lugar contra Vossas Majestades, sem motivo algum nem apoio de outro monarca, encontrando-se só, no meio de vassallos e nativos, e tendo todos os meus filhos em sua Corte Real? Comecei a servir com vinte e oito anos e hoje não existe em mim cabelo que não esteja grisalho; sinto o corpo doente, nada me resta do que ganhei, eu e meus irmãos nos vimos privados de tudo o que possuíamos, até do próprio saio, sem que ninguém quisesse escutar ou ver, com grande desonra para mim. Não é possível acreditar que isso tenha sido feito por ordens reais. A restituição de minha honra e prejuízos e o castigo dos responsáveis haverá de propalar a nobreza da coroa real; e o mesmo acontecerá a quem me roubou as pérolas e causou dano a este Almirantado. As virtudes serão imensas e a fama servirá de exemplo, se tal fizerem; e da Espanha ficará uma lembrança gloriosa, com a de Vossas Majestades, de agradecidos e justos monarcas. A intenção tão honesta que sempre tive ao serviço de Vossas Majestades e a afronta tão desproporcional não permitem que a alma se cale, por mais que eu quisesse. Suplico a Vossas Majestades que me perdoem.

Estou tão perdido quanto disse. Até agora chorei na

frente dos outros: que o céu seja misericordioso e chore por mim a terra. No plano secular, não disponho sequer de uma branca⁸ para oferecer; no espiritual, fiquei reduzido aqui nas Índias ao estado que expliquei. Isolado nesta provação, doente, esperando a morte dia a dia, rodeado por um bando de inimigos selvagens e cheios de crueldade, e tão afastado dos Santos Sacramentos da Santa Igreja que esta alma será esquecida se aqui se separar do corpo. Que chore por mim quem ama a caridade, a verdade e a justiça. Não fiz esta viagem para obter honrarias e riquezas porque a minha esperança já estava completamente morta. Diriço-me a Vossas Majestades com a melhor das intenções e desvelos. Suplico-vos humildemente que, se a Deus aprouver tirar-me daqui, que haja por bem abençoar a minha ida a Roma e a outras romarias. Cuja vida e augusto estado guarde e engrandeça a Santíssima Trindade. Escrito nas Índias, na ilha de Jamaica, a 7 de julho de 1503.

8. Branca, moeda da época, equivalente à quarta parte de um maravedi. (N. do E.)